

Editorial

Pensar sobre gênero e tecnologia é um desafio em tempos em que uma onda de conservadorismo se alastra pelo Brasil, permitindo que o preconceito, a discriminação e a violência contra as minorias se alastrem e sejam percebidas no cotidiano. Temos visto muitas mortes de mulheres e pessoas transexuais devido ao desrespeito ao outro. Políticos despreparados incitam, por meio de seus discursos, a violência e a intolerância. Uma horda de intolerantes que se unem para agredir uma das maiores pesquisadoras (não só de gênero) do mundo, como foi o episódio ocorrido contra Judith Butler, em São Paulo. Este caso evidenciou a ignorância daquelas pessoas, pois, Butler sequer iria abordar a temática de gênero no evento do qual era uma das organizadoras, e caso fosse essa a temática de sua fala, deveria ser respeitada. O desconhecimento é uma das principais fontes para o preconceito e isso ficou evidente neste episódio. Cabe destacar que esta foi a manifestação de intolerância que ganhou mais visibilidade por atingir uma pesquisadora de renome internacional, entretanto houveram outras tantas tentativas de cercear a liberdade de pesquisa e de trabalho de docentes dentro das universidades e escolas.

Neste momento se torna ainda mais relevante que nos mantenhamos unidas/os para combater e minimizar os impactos nefastos destes comportamentos deploráveis. Neste sentido, os Cadernos de Gênero e Tecnologia (CGT) tem se constituído em um importante veículo para disseminar os estudos sobre essa temática, e, desta forma, contribuir para que o conhecimento gere menos preconceito e, por consequência, menos violência.

Completamos o ano de 2017 publicando o número 36 dos Cadernos de Gênero e Tecnologia que traz 5 artigos sobre diversas temáticas e uma interessante entrevista com a Física e pesquisadora de gênero Marcia Barbosa, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mais uma vez, contamos com a participação de pesquisadoras de nível nacional e internacional o que enriquece nossa publicação. Os artigos deste número apresentam uma diversidade de temáticas abordadas, fato que demonstra que gênero perpassa os mais diversos setores da sociedade e que temos pessoas pensando sobre gênero nos diversos campos.

O primeiro artigo intitulado Trajetória socioprofissional da mulher na agronomia: uma questão de renda e da satisfação profissional de autoria de Teresa Daros Szöllösi e Maria Sara de Lima Dias, traz uma reflexão sobre a participação feminina no curso de Agronomia, curso este de predominância masculina em seu corpo discente. As autoras trazem resultados de pesquisa realizada com mulheres que se graduaram neste curso nos anos de 1991 e 2000, e “objetivou comparar décadas, no entanto os resultados nos possibilitam fazer uma digressão para as especificidades do gênero na pesquisa.”

As autoras observaram que a participação feminina neste curso aumentou da primeira para a segunda década, porém as participantes relataram muitas dificuldades para se inserir no mercado de trabalho que culmina no fato de que

muitas não atuam em suas áreas de formação, bem como, recebem uma menor remuneração. Apesar desses fatores, estas mulheres demonstraram satisfação profissional. As autoras concluem

Os resultados da pesquisa demonstram deste modo uma maior inserção da mulher na profissão de agronomia, mas contraditoriamente esta inserção acontece seguida também de salários menores. Logo, é ilusório pensar que já é uma conquista uma vez que ainda precisa ser muito ampliada para que as mulheres recebam um salário equivalente ao dos homens.

Na sequência, contamos com a contribuição de Lillian Alvarez com o artigo *Las mujeres en las academias de ciencias del mundo*. Neste artigo a autora faz uma reflexão sobre a participação das mulheres nas academias de ciências em diversos países. A autora argumenta que estes são espaços aos quais são eleitos/as os/as mais renomados/as cientistas de seus países, ou seja, estes são espaços destinados a “elite” científica. A autora analisou os resultados de pesquisa realizada em 70 academias de ciências na qual se evidenciou que, embora tenha havido avanço no que tange a participação feminina nestes espaços, ainda há uma baixa representatividade feminina, ou seja, tais avanços não são suficientes.

A autora destaca a importância de se criar políticas públicas que possibilitem a inserção igualitária de mulheres e homens nas diversas carreiras. Ela destaca o caso de Cuba, onde “las mujeres fueron incluidas en las carreras y en las instituciones científicas con una voluntad política y sistemas de apoyo para su plena incorporación”. Como resultado, a Academia de Ciências de Cuba teve uma presidenta por 9 anos e criou, em 1999, a comissão de mulheres acadêmicas que “vela y monitorea la presencia de las mujeres, contribuye a reconocer sus resultados, promueve a la incorporación de las mas jóvenes hacia las carreras de ciencia.” Desta forma, percebe-se que academia cubana tem se preocupado com a maior inserção feminina neste espaço e tem obtido bons resultados.

As autoras Andrea Maila Voss Kominek e Ana Crhistina Vanali contribuem para este número dos Cadernos de Gênero e Tecnologia com o artigo intitulado *Tecnologia e gênero: repensando relações no qual as autoras tem por objetivo evidenciar “as raízes de gênero na construção e utilização da tecnologia e analisar as contradições presentes no discurso de pretensa neutralidade de gênero.”* As autoras fazem uma análise sobre as mudanças tecnológicas que impactaram e impactam na vida das mulheres. Kominek e Vanali argumentam que as mudanças tecnológicas afetam a todos e todas, porém, os artefatos destinados ao espaço doméstico “muito contribuíram para a progressiva emancipação feminina. As mulheres, com o auxílio das tecnologias domésticas, menos sobrecarregadas de “suas” tarefas, passariam a ter, então, algum tempo privado.” As autoras argumentam que o tempo das mulheres não é considerado como privado, uma vez que se destina a cuidar do outro (crianças, idosos/as, filhos, lar), talvez por isso, a maioria das mudanças tecnológicas que podem melhorar a vida das mulheres foram invenções femininas.

As autoras apresentam algumas dessas inovações produzidas pelas mulheres como a fralda descartável, o filtro de papel e a pílula anticoncepcional que impactaram sensivelmente no trabalho doméstico, e, como este trabalho recaía e

ainda reagem a cargo das mulheres, na vida das mulheres. As autoras argumentam que

pensar a tecnologia a partir de uma perspectiva de gênero constitui uma necessidade que não pode mais ser adiada na atual conjuntura de desenvolvimento social, com vistas a um gradual desaparecimento das desigualdades e para a conquista de uma sociedade efetivamente justa.

A contribuição de Raquel Quirino se dá por meio do artigo intitulado *Relações de gênero e sexismo na educação profissional e tecnológica*. Neste artigo, que teve por objetivo analisar as escolhas realizadas por alunas por um determinado curso técnico em detrimento de outros, a autora faz um estudo baseado em entrevistas com alunas dos cursos Curso Técnico em Hospedagem e Curso Técnico em Mecânica, com maior e menor participação feminina, respectivamente, em seu quadro discente.

A autora apresenta excertos das entrevistas e, após análise conclui que, embora algumas das entrevistadas do curso de mecânica, demonstraram pouco conhecimento acerca da atuação profissional de egressos/as de seu curso antes de iniciar o curso, tinham claro o fato de que o trabalho feminino é desvalorizado em sua área. A autora reflete ainda sobre os motivos que levaram estas meninas a escolher seus cursos técnicos. As estudantes do curso de mecânica buscam desconstruir a “segregação horizontal - adentrando em grupos anteriormente reservados apenas aos homens”, bem como a “segregação vertical ao buscar realizar cursos que possibilitem a sua ascensão profissional futura.”

As estudantes do curso de Hospedagem manifestaram um conhecimento prévio do curso e embora tivessem conhecimento da predominância feminina na área de atuação dos/as egressos/as deste curso, e do preconceito que há sobre o mesmo, “assumem uma postura combativa contra a desvalorização dos conhecimentos ditos femininos, de sua naturalização e, portanto, da não exigência de formação específica.” A autora conclui afirmando que as alunas, após seu ingresso, “descrevem uma situação que manifesta claramente o princípio da hierarquia nos cursos técnicos ofertados pela instituição: existem cursos para homens e cursos para mulheres e os cursos para homens valem mais do que o curso para as mulheres.”

Fechamos a seção de artigos deste número com o artigo de Marisa Vázquez Martínez, Leonor María Cantera Espinosa e Joilson Pereira da Silva, intitulado *La fotointervención, como instrumento sensibilizador en la investigación de la igualdad en las relaciones de pareja juveniles*. Neste artigo as autoras e o autor nos apresentam os resultados de uma pesquisa realizada utilizando como método para coleta de dados a fotointervenção. As autoras e o autor utilizam este método para realizar uma pesquisa sobre desigualdade de gênero na relação entre casais jovens.

No artigo se apresenta algumas fotos feitas pelos/as participantes da pesquisa e as análises feitas por elas/eles sobre tais imagens. As fotografias levam as/os jovens a refletir sobre o que é igualdade e desigualdade. Em sua conclusão, as autoras e o autor argumentam que há necessidade de se conhecer o “qué es lo que entienden los y las jóvenes por igualdad radica en el riesgo que supone darla

por conseguida, ya que ello puede posicionar a las jóvenes en una situación de vulnerabilidad a sufrir violencia en sus relaciones de pareja.” Esta temática é relevante quando se observa inúmeros casos de jovens rapazes matando suas namoradas, ex-namoradas, possíveis namoradas, mulheres e ex-mulheres por se sentir superior, ou com direito de dizer o que as mulheres podem e devem fazer, vestir, pensar, sonhar. As autoras e o autor concluem ainda que “El uso de la Fotointervención permite ser coherentes con la necesidad de denuncia de la desigualdad en las relaciones de pareja juveniles.”

Finalizamos este número dos CGT com a entrevista da Física, professora e pesquisadora na área de gênero Marcia Cristina Bernardes Barbosa. Marcia nos fala sobre sua trajetória pessoal e profissional, sobre os preconceitos que existem em sua área de atuação, a Física, área predominantemente masculina. Marcia conseguiu, por sua competência e trabalho, se destacar tanto na área de Física quanto nos Estudos de Gênero.

Assim, convidamos a todas e todos a desfrutar a leitura de mais este número dos Cadernos de Gênero e Tecnologia e esperamos contribuir e inspirá-las/os em suas produções.

Boa leitura!

Lindamir Salete Casagrande
Nanci Stancki da Luz
Editoras